

NIETZSCHE E A RESSIGNIFICAÇÃO DE SACERDOTE: UMA POTENCIALIZAÇÃO DA MATERIALIDADE DISCURSIVA

NIETZSCHE AND REMEANING OF PRIEST: A DISCURSIVE MATERIALITY'S POTENTIALIZATION

Guilherme Figueira Borges¹
Mestre em Estudos Linguísticos
Universidade Estadual de Goiás
(guilherme.borges@ueg.br)

Resumo: Neste trabalho, lançaremos o olhar para as relações interdiscursivas que a obra *Assim Falava Zaratustra*, de Nietzsche, estabelece com a *Bíblia*. Tomando a palavra “sacerdote” e expondo a ressignificação que o dizer bíblico, em uma posição-sujeito-um de uma FD religiosa, apresenta quando é tomado por Zaratustra que se inscreve em uma posição-sujeito-outra de/em uma FD filosófica. E, para tanto, aplicaremos, juntamente com alguns construtos da AD Francesa, a noção de “potencialização discursiva da materialidade” como um dispositivo de análise.

Palavras-chave: Bíblia, Nietzsche, Análise do Discurso, Potencialização Discursiva da Materialidade.

Abstract: This paper aims at approaching interdiscursive relations between Nietzsche's *Assim falava Zaratustra* and some passages in the *Bible*. It will be taken the word “priest”, exposing its remeaning in the biblical sense, that is to say, inscribed in a Religious Discursive Formation. Respectively, the same word, “priest”, will be taken, this time, inscribed in a Philosophical Discursive Formation. French Discourse Analysis will be taken as theoretical framework. Besides, it will be also considered the notion of “discursive materiality's potentialization” as analysis procedure.

Keywords: biblical, Nietzsche, French Discourse Analysis, Discursive Materiality's Potentialization.

Iniciando a discussão

A verdade fala em mim. – Mas a minha verdade é terrível: pois até agora chamou-se à mentira verdade. [...] Minha sina quer que eu seja o primeiro homem decente, que eu me veja em oposição à mendacidade de milênios... Eu fui o primeiro a descobrir a verdade, ao sentir por primeiro a mentira como mentira. (Nietzsche, 2008, p. 102)

Conforme nos chama a atenção Nietzsche (1998), uma das possibilidades de se pensar o sujeito seria através dos dois binômios: verdade e mentira, acerto e erro. Na perspectiva nietzschiana, a ação de acertar implica em uma dada inscrição na verdade, mas o mesmo não se aplica ao erro e à mentira. O erro não se aplica à mentira porque o erro procede de um desconhecimento da verdade e a mentira no seu falseamento. Mentir implica conhecer a verdade e lhe dar uma nova máscara.

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos – Universidade Federal de Uberlândia/MG

Essa visão é relevante na medida em que ela pode nos levar a pensar os mecanismos nos quais os indivíduos se constituem sujeitos por práticas discursivas.

Nesse trabalho, analisaremos algumas sequências enunciativas da obra *Assim Falava Zaratustra*, de Nietzsche (2008), para mostrarmos as relações interdiscursivas que são estabelecidas com a *Bíblia*, tomando como material de análise os enunciados acerca dos “Sacerdotes” e lançando um olhar para atravessamentos polifônicos que os constituem. Para tanto, tomaremos como ponto norteador a hipótese de que, no universo ficcional, a presença do “outro”, enquanto alteridade interdiscursiva, mostra-se constitutiva para que as personagens se (des)caracterizem. (Des)Caracterização essa que se dá, em um primeiro plano, por meio dos diálogos que as personagens travam em suas relações sociais; e, em um segundo plano, quando tomamos as inscrições discursivas de uma personagem em particular e, a partir de seus dizeres, podemos apreender uma dialogicidade que provoca efeitos. Neste trabalho, particularmente, procuraremos nos ater nesse segundo plano, procurando evidenciar a potencialidade discursiva de elementos do *corpus*, tomados para análise.

Para o procedimento analítico, tomaremos como base os percursos de análise destacados no texto “Potencialização discursiva da materialidade”, trabalhado no Laboratório de Estudos Polifônicos que é um Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Na Oficina de Análise de *Corpora*, o Prof. Dr. João Bôsko Cabral dos Santos teceu o seguinte comentário sobre a noção de potencialização discursiva:

A potencialização discursiva da materialidade consiste em se proceder a um levantamento de elementos potenciais de significação na superfície linguística da materialidade constituinte do *corpus* da pesquisa com vistas à percepção de evidências potenciais conversíveis em regularidades que se adaptam e se adequam aos objetivos, à hipótese de pesquisa e às questões de pesquisas concebidas por ocasião da elaboração do projeto (SANTOS, 2007, mimeo).

Esse dispositivo de análise consiste em fornecer subsídios para a análise discursiva da materialidade linguística. Desse modo, ao empregarmos o dispositivo de Potencialização Discursiva da Materialidade, pretendemos estabelecer uma análise do funcionamento discursivo nietzschiano. Para tanto, vinculamo-nos à

Análise do Discurso de Linha Francesa mais notadamente nos estudos de Pêcheux (2009), Foucault (2004) e Maingueneau (1997). Nesse ínterim, esboçaremos a seguir alguns conceitos que nortearão nosso estudo, a saber: enunciação, história e interdiscurso. Esclarecemos que poderemos acrescentar, a essa tríade, outros conceitos, que lhes são constituídos/constituintes/constitutivos, na medida em que os julgemos pertinentes epistemologicamente à natureza desse trabalho.

Relação entre enunciação e história

Possenti (2004), ancorado nos estudos de Pêcheux & Fuchs (1990), interpreta que os processos enunciativos “consistem em uma série de determinações sucessivas pelas quais o enunciado se constitui pouco a pouco e que tem por característica colocar o ‘dito’ e em consequência rejeitar o ‘não-dito” (POSSENTI, 2004, p. 376). Nesse sentido, pode-se dizer que o acontecimento enunciativo funda fronteiras “entre o que é ‘selecionado’ e tornado preciso aos poucos (através do que se constitui o ‘universo de discurso’), e o que é rejeitado” (*Op. Cit.*). Contudo, é relevante dizer que o que é rejeitado incide na enunciação sobre a forma de um *não-dito* constitutivo aos dizeres e que também contribui com o sentido do que é dito. Assim, a enunciação desenha, de certo modo, um “espaço vazio” no qual se manifesta “tudo o que teria sido possível ao sujeito dizer (mas que não diz)” (PÊCHEUX & FUCHS, 1990, p. 176) ou “tudo a que se opõe o que o sujeito disse” (*Op. Cit.*). Esse espaço vazio, que é desenhado para aquilo que é rejeitado, “pode estar mais ou menos próximo da consciência e há questões do interlocutor – visando a fazer, por exemplo, com que o sujeito indique com precisão ‘o que ele queria dizer’ – que o fazem reformular as fronteiras e re-investigar esta zona” (POSSENTI, 2004, p. 376).

Então, quando falamos em enunciação para a AD, somos remetidos inevitavelmente a escolhas (que não estão ao domínio do sujeito), uma vez que o sujeito é interpelado e conduzido a inscrições discursivas, nas quais se tem o *dito* em detrimento do *não-dito*, assim sendo, ao analista, “a descrição do acontecimento do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (Foucault, 2004, p.30). O que determinará o aparecimento de um enunciado e não outro é a inscrição em

posições-sujeito de/em determinada Formação Discursiva (FD). Segundo Foucault (2004), estaremos diante de uma FD, quando pudermos “descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações)” (*Op. Cit.*, p. 43). Nesse caso, poder-se-á afirmar que estaremos diante de uma FD, “evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como ‘ciência’, ou ‘ideologia’, ou ‘teoria’, ou ‘domínio de objetividade”” (*Op. Cit.*).

As inscrições dos sujeitos em FDs não estão ao seu pleno controle, visto que ele a todo o momento transita entre posições, sendo interpelado, por conseguinte, por formações discursivas dispares. Nesse sentido, pode-se dizer que o sujeito pode oscilar entre FD antagônicas como, por exemplo, uma FD religiosa (FDr) e uma FD filosófica (FDf) o que presenciamos em Nietzsche. Essa constante movimentação do sujeito entre posições e entre FDs funda o que SANTOS (2009) denominou de instância sujeitidual² e instância sentidural³. A instância sujeitidual diz respeito à construção de um mapa das posições em que os sujeitos se movimentam em suas práticas sócio-histórico-ideológicas. A instância sentidural diz respeito a um recorte, no tempo e no espaço, de um curso do sentido em práticas enunciativas. É relevante ressaltar que a delimitação da Instância Sujeitidual e da Instância Sentidural estão imbricadas à constituição do sujeito que analisa a materialidade linguística, ou seja, elas podem mudar de analista para analista mesmo se lançassem o olhar para uma mesma materialidade de análise.

E são justamente essas instâncias sujeitiduais e sentidurais que podem trazer a tona as ressignificações e, em decorrência, as não coincidências do dizer (Authier-Revuz, 1998). O acontecimento enunciativo, por conseguinte, tem a particularidade de ser único e configurar um *já-dito* como um *jamais-dito* (Foucault, 2004). Segundo Foucault (*apud* Gregolin, 2004, p. 92), “um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e

² Nos dizeres de SANTOS (2009, p. 83-84), a instância enunciativa sujeitidual diz respeito a uma “alteridade de instâncias sujeito no interior de um processo enunciativo”.

³ Santos (2009) não conceitua diretamente a noção de “instância enunciativa sentidural”. Mas em analogia à conceituação de “instância enunciativa sujeitidual”, pode-se dizer que a “instância enunciativa sentidural” diz respeito a uma organização singular do sentido no acontecimento enunciativo.

assumir o papel de diferentes sujeitos”; daí a necessidade de tomarmos o acontecimento como uma prática discursiva, ressaltando a movência dos dizeres e os embates sociais que eles trazem a tona. A instância sujeitodal instaura uma instância sentidural de presentificação dos dizeres. Por isso, Gregolin (2004, p. 92) afirma que é a partir do momento em que se recorta o sujeito enquanto uma “posição [é] que a teoria do discurso de Foucault pode chegar à relação entre os enunciados e a historicidade. Ao propor que todo enunciado ‘tem sempre margens povoadas de outros discursos’”. Contudo, questões ainda persistem: se o indivíduo se inscreve em posições, como ocorrem então as resistências? Como pode o indivíduo se rebelar às ideologias vigentes? É possível (e, se é, como) instaurar outras posições-sujeito? Olhar para essas questões se torna fundamental, porque acreditamos que não haveria história sem as resistências. Gregolin (2004), estabelecendo uma análise de Foucault (1996, 2004), menciona que se “só houvesse a escravização, a submissão e a passividade, seria o *fim da História*. [...] o fato de haver uma “disciplinarização”, de ter sido necessário desenvolver mecanismos de controle e de vigilância contínuos demonstra que os sujeitos lutam” (GREGOLIN, 2004, p. 136, grifos do autor). Nesse sentido, pode-se pensar, por conseguinte, que “nenhum poder é absoluto ou permanente; ele é, pelo contrário, transitório e circular, o que permite a aparição de fissuras onde é possível a substituição da docilidade pela meta contínua e infundável da libertação dos corpos” (*Op. Cit.*).

Vemos, pois, que a história não é linear, pelo contrário, é descontínua, apresentando “fissuras” que propiciam uma ruptura com uma situação vigente. E são essas rupturas que instauram outras posições-sujeito. Dizendo de outro modo, são as brechas na história que possibilitaram a Nietzsche se insurgir contra a dominação religiosa, instaurando assim posições-sujeito-outras da/na formação discursiva filosófica, nas quais ele se inscreveu e deu voz a Zaratustra.

Com efeito, relacionar o dizer com sua própria condição história é considerá-lo múltiplo, heterogêneo, dizendo de outro modo, é acreditar que em uma discursividade os dizeres não surgem do em si mesmo, mas em um trabalho em/com/sobre outros discursos. Pode-se dizer, portanto, que nos discursos há uma relação conflituosa entre o “outro” e o “mesmo”, e esse “outro” dado pelo devir histórico no acontecimento enunciativo e o “mesmo” propiciado pelo atravessamento

interdiscursivo. Vale ressaltar que nesse processo de interdiscursividade encontramos a dispersão, uma vez que não podemos determinar em um discurso, precisamente, os seus deslocamentos no fio da história. Vemos que, no dizer nietzschiano, há um saber bíblico que atravessa os seus dizeres interdiscursivamente, produzindo efeitos singulares para a *démarche* filosófica do autor de Zaratustra. Por isso, consideramos relevante ater-nos um pouco mais na noção de interdiscurso na Análise do Discurso.

Interdiscurso

Devido à natureza enunciativa desse trabalho, optamos por estabelecer um diálogo entre as conceituações de Maingueneau (1997) e de Pêcheux acerca do Interdiscurso. O que nos possibilitará vislumbrar o Interdiscurso sob dois aspectos distintos: (i) em Pêcheux (2009), vemos o interdiscurso imbricado à FD de forma constitutiva; (ii) Em Maingueneau (1997), vemos uma divisão metodológica do Interdiscurso em espaço, em campo e em universo discursivo.

Para Pêcheux (2009, p. 148-149), “toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas”. Em seguida, ele acrescenta que denomina Interdiscurso a esse “todo complexo com dominante” (*Op. Cit.*). Antes de nos centrarmos no interdiscurso, convém pensá-lo no seu imbricamento com a FD que se dá pela opacidade do sentido. Se, por um lado, vimos a partir de Foucault (2004) que uma FD se instaura a partir do momento em que se pode estabelecer regularidades; Pêcheux (2009) chama-nos a atenção para o fato de que essa regularidade só se torna possível na medida em que, no caos de discurso, ao qual estamos envoltos, há uma relação de dominância de uns sobre outros. Relações de dominação que, por pulsões históricas, estão sempre destinadas ao devir, ou seja, nos embates discursivos cotidianos, as relações de dominação poderão se tornar outras.

O que vai ao encontro do que é postulado por Pêcheux:

Se essas hipóteses têm alguma validade, elas resultam, necessariamente, numa transformação do conceito de “formação discursiva”, que afeta – consequentemente – a prática mesma da análise do discurso: caracterizar uma formação discursiva classificando-a, entre outras, por qualquer tipologia que seja, é

estritamente impossível. É necessário, ao contrário, definir a relação interna que ela estabelece com seu exterior discursivo específico, portanto, determinar as invasões, os atravessamentos constitutivos pelas quais uma pluralidade contraditória, desigual e interiormente subordinada de formações discursivas se organiza em função dos interesses que colocam em causa a luta ideológica de classes, em um momento dado de seu desenvolvimento em uma dada formação social (tradução do original, cf. MALDIDIER, 1990, p. 258-259).

Nesse momento, Pêcheux busca pensar os limites da FD, o que se torna relevante a esse estudo que empreendemos, na medida em que vemos a FDF instituída por Nietzsche é constantemente atravessada por uma FDR, que dissimula na opacidade do dizer os seus efeitos que não cessam de (re) produzir-se. Nietzsche (2008) ancora-se na crença de que controla a exterioridade religiosa que atravessa o seu dizer, sem se dar conta de que na realidade ela também o constitui. Consideramos relevante pensar o que seria esse colocar “em causa a luta ideológica de classes”? Acreditamos que seria pensar que o acontecimento discursivo nietzschiano comporta uma falha constitutiva, na medida em que ele não controla essa exterioridade que incide, interdiscursivamente, em seus dizeres. Pensar em uma falha implica em se considerar que o assujeitamento⁴ não foi completo, mas não podemos, em contra partida, dizer que ele não existiu. Desse modo, poder-se-á dizer que os atravessamentos religiosos contribuíram com a *démarche* teórica nietzschiana. Colocar em causa a luta ideológica nietzschiana evidencia que, na falha, um saber outro se instituiu que não fosse religioso nem o que vigorava no campo filosófico de sua época.

Maingueneau (1997), por sua vez, buscou pensar o interdiscurso em três aspectos que se imbricam: universo discursivo, em campo discursivo e em espaço discursivo.

O universo discursivo é a junção de todas as FDs que (co) existem em um determinado recorte temporal. É relevante dizer que, embora seja empregada a palavra “universo”, o universo discursivo é “necessariamente finito, mas irrepresentável, jamais concebível em sua totalidade pela AD” (Maingueneau, 1997, p. 116). Já os campos discursivos podem ser definidos como conjunto de formações

⁴ Segundo Pêcheux (2009, p. 271), há uma reflexão marxista de que “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos”. Esse processo tornaria a história em um “processo sem Sujeito nem Fim(s)” (*Op. Cit.*). O assujeitamento diz respeito justamente a essa interpelação ideológica que, até então, se pensava intransponível. Ou seja, o sujeito que nascesse proletário era interpelado a se assujeitar à ideologia e considerar como natural a sua posição na sociedade.

discursivas em relação de antagonismo, daí podermos fazer a delimitação em campo discursivo religioso, político, filosófico, literário, entre outros. O espaço discursivo, por sua vez, é a delimitação “de um subconjunto do campo discursivo, ligando pelo menos duas formações discursivas que, supõe-se, mantêm-se relações privilegiadas, cruciais para a compreensão dos discursos considerados” (*Op. Cit.*, p. 117). Este é, pois, definido a partir de uma decisão do analista, em função de seus objetivos de pesquisa.

Convém mencionar ainda que essa noção maingueneana de interdiscurso ser relaciona diretamente com o fato de a FD ser atravessada pelo intertexto e pela intertextualidade, ressaltando, assim, a relação que uma FD estabelece com a alteridade:

Por intertexto de uma formação discursiva, entender-se-á o conjunto dos fragmentos que ela efetivamente cita e, por intertextualidade, o tipo de citação que esta formação discursiva define como legítima através de sua própria prática. Além dos enunciados citados há, pois, suas condições de possibilidade. Em um nível trivial, isto é evidente: segundo as épocas, os tipos de discurso, as citações não são feitas da mesma maneira; os textos citáveis, as ocasiões em que é preciso citar, o grau de exatidão exigido, etc. variam consideravelmente (MAINGUENEAU, 1997, p. 86).

Ao relacionarmos essa conceituação epistemológica com o dizer nietzschiano, percebemos que o seu dizer estabelece um intertexto com fragmentos da Bíblia que são regulados e estruturados por regras de intertextualidade, ou seja, regras internas ao acontecimento discursivo do dizer de Nietzsche (2008). Então, como o intertexto se mostra evidente ao nosso olhar, convém que nos atenhamos na interpretação dos mecanismos de intertextualidade, poder-se-á, desse modo, desvelar os mecanismos de ressignificação do dizer bíblico.

Sendo assim, procuraremos descrever a potencialidade discursiva da materialidade linguística nietzschiana a partir do espaço discursivo, principalmente, da obra *Assim Falava Zaratustra*, de Nietzsche (2008) relacionando duas formações discursivas, a saber: formação discursiva religiosa (FDr) e formação discursiva filosófica (FDf), a fim de mostrarmos as instâncias subjetivas e o efeitos de tensão⁵ que delas decorrem.

⁵ Consideraremos que o efeito de tensão se dá no/pelo confronto de vozes bíblicas e filosóficas.

Potencialização discursiva da materialidade

Para verificar a potencialidade de nosso material de análise, selecionamos um excerto do livro *Assim Falava Zaratustra*, de Nietzsche (2008), e um excerto da Bíblia, com a finalidade de mostrarmos como os dizeres bíblicos são ressignificados. Para este trabalho, elaboramos 3 tabelas, sendo a primeira de “significação do nome da personagem”, na qual mostraremos a potencialidade etimológica de “sacerdote”, vislumbrando, assim, sua ressignificação no dizer nietzschiano; nas outras 2 tabelas, por sua vez, apresentaremos as percepções conjuntivas da materialidade enunciativa que podem consistir tanto no ato de detalhar a tensão fundada entre os sujeitos-personagens quanto numa análise da organização do dizer nietzschiano inserido em uma estética literária.

É preciso dizer que essas tabelas, no recorte de potencialidades discursivas da materialidade linguística, constituem-se a partir de uma relação lógico-formal e/ou lógico-dedutivo do analista com o *corpus*, instaurado em uma conjuntura interpretativa que se organiza num *continuum* de dizeres. Dizendo de outro modo, as matrizes potenciais emergem (im)pulsionadas pelas interpelações do sujeito-analista na prática interpretativa dos dizeres. Desse modo, não somente os elementos das tabelas podem mudar em conformidade com a constituição do sujeito-analista, como também os mesmos elementos podem produzir efeitos de sentidos distintos quando vislumbrados em outros momentos históricos.

Vejamos, então, a materialidade linguística dos dizeres bíblicos acerca dos sacerdotes⁶:

- (A) [Deus diz:] Diligentemente, ouvirdes a minha voz e guardardes o meu concerto, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha. E vós me sereis reino sacerdotal e povo santo. (ÊXODO, 19:5-6, p. 88)
Mas os sacerdotes levíticos, os filhos de Zadoque, que guardaram a ordenança do meu santuário, quando os filhos de Israel se extraviaram de mim, se chegarão a mim, para me servirem, e estarão diante de mim, para me oferecerem a gordura e o sangue, diz o Senhor Jeová. (EZEQUIEL, 44:15, p. 897)

⁶ Lembramos que, no início de nossa era, os sacerdotes judeus eram designados pela autoridade política. E legitimavam sua autoridade em um poder divino, crença que fazia com que até reis os escutassem com humildade e agissem segundo suas pregações e/ou profetizações. Jesus pertencia à tribo de Judá e não a tribo sacerdotal, o que explica o fato de o novo testamento não dá-lo o título de sacerdote; somente o livro de “Hebreus” emprega o termo de “Sumo Sacerdote”.

De Zaratustra, por sua vez, que encontra, ao regressar para sua caverna, com alguns sacerdotes, podemos extrair a seguinte materialidade enunciativa concernentes aos sacerdotes:

- (B) [...] Vede esses sacerdotes; embora sejam eles meus inimigos, passais perto deles em silêncio e espada na bainha. Entre eles também há heróis, muitos dentre eles sofreram bastante; mas também quiseram fazer sofrer os outros. [...] Mas tenho compaixão e sempre tive compaixão deles; são aos meus olhos prisioneiros e réprobos. Aquele a quem chamam de salvador acumulou-os de algemas. Algemados aos falsos valores e às palavras mentirosas! Ah, quem virá salvá-los do seu salvador? [...] Eles chamaram Deus ao que os contrariava e os fazia sofrer; e, na verdade, havia heroísmo em sua devoção. E não souberam amar o seu Deus senão crucificando o homem. Quiseram viver como cadáveres, vestiram de negro o seu cadáver; até em seu discurso sinto o odioso odor das câmaras mortuárias. (...) Eles levam seu rebanho pelo atalho, à voz do corne e dos gritos, como se apenas houvesse uma única passagem que levasse ao futuro. Na verdade, esses pastores não passavam de carneiros. [...] Nunca existiu o Além-Homem. Eu vi ambos nus, o maior dos homens e o menor. Eles ainda se assemelham muito. Na verdade, até o maior me pareceu demasiado humano. Assim Falava Zaratustra (NIETZSCHE, 2008, p. 127-129).

Relacionado os dois excertos, podemos elaborar as seguintes tabelas de potencialidade discursiva:

1) Significação do nome da personagem

| Elemento | Potencialidades | Enfoque Discursivo |
|--|--|---|
| A) Significação da palavra “sacerdote” em uma inscrição da/na FDr. | Sacerdote = “ <i>sacer</i> (sagrado) + <i>dotis</i> (dotado)”: - pessoa dotada do sagrado (ponto de vista metafísico); - porta-voz de Deus(es); - responsável pela divulgação da palavra de Deus em toda terra; - aquele que tem uma missão nobre e honrosa; - Aquele que tem o poder de oferecer sacrifícios a(os) Deus(es); | <ul style="list-style-type: none"> • As instâncias subjetivas como elementos reveladores de lugares sociais; • As instâncias enunciativas subjetivas enquanto posições-sujeito, deslocando instâncias de poder entre FDr; • Um estudo sobre a interdiscursividade subjacente às significações da palavra “sacerdote” |
| B) Significação da palavra “sacerdote” em | Sacerdote: “ <i>sacer</i> (sagrado) – <i>dotis</i> (dotado)” - pessoa que não é dotada do | |

| | | |
|--------------------------|--|--|
| uma inscrição da/na FDf. | sagrado, haja vista que o sagrado é visto como um retorno à vida e à terra. - inimigos; - aquele que sofre e, por conseguinte, faz os outros sofrerem; - aquele que se encontra preso a vozes (valores e palavras) ilusórias; - Aqueles que se valem da pregação da morte (os sepulcros) como modo de chegar ao céu; - pessoas que desejam conduzir outras, mas que ainda são conduzidas. | enquanto elemento constituinte e constitutivo da produção de sentidos no interior de uma FDr e uma FDf; • Um estudo da interdiscursividade subjacente aos elementos constituintes e constitutivos do sujeito-personagem: - O processo de simbologia; - A deslocamento das hierarquias de poder; - Instauração de uma posição-sujeito-outra; - A relação interdiscursiva entre nome + posição-sujeito-um (FDr) + posição-sujeito-outra (FDf) na ação enunciativa nietzschiana; |
|--------------------------|--|--|

Nessa tabela, parte-se da etimologia da palavra “sacerdote”, mostrando que ela representa um lugar social que abarca posições-sujeito distintas – e, até mesmo, antagônicas – no interior de uma FDr e de uma FDf. O que nos permite dizer que há uma ressignificação de “sacerdote” nos dizeres de Nietzsche. Ressignificação essa que se ancora, como vimos, nos sentidos cristalizados da FDr. Nessa interdiscursividade constituinte e marcada (AUTHIER-REVUZ, 1982) do acontecimento nietzschiano, não acontece somente uma inversão da moral judaico-cristã, é preciso entender que nesse acontecimento discursivo há a instauração de outro saber sobre o sacerdote que não existira até então. A palavra sacerdote reflete e refrata uma outra posição-sujeito. Dizemos, por um lado, que reflete por ela se encontrar ancorada, por uma memória dos dizeres, à FDr. Por outro lado, dizemos que ela refrata na medida em que há movimentos, no campo da filosofia, sentidurais, dizendo de outra forma, o dizer nietzschiano insere “sacerdote” em uma rede de sentidos que nem mesmo Nietzsche poderia prever. Ao se trabalhar com os sentidos da palavra “sacerdote”, podemos lançar o olhar para os rastros de singularidade que são fundados por Nietzsche (2008).

A partir dessa aproximação entre Zaratustra e os Sacerdotes, vemos emergir um tema capital ao pensamento de Nietzsche que é “o problema da relação ‘prática’ do homem com o mundo” (VATTIMO, 1990, p. 43). Nietzsche (2008) busca

romper com o binômio homem/mundo, na medida em que propõe desvelar o homem enquanto um *continuum* belicante de forças. Não presenciemos em Nietzsche uma divisão de forças no homem e forças na natureza, pelo contrário, o que vemos é o homem ser devolvido à natureza enquanto elemento constituinte, constituído e constitutivo.

Essa visão nietzschiana contraria perspectivas racionalistas como, por exemplo, a de Descartes (1992) na qual se busca recortar um lugar particular no mundo para o homem, inserindo-o em um espaço privilegiado a partir da sua configuração de sujeito pensante⁷. Nietzsche (2008) postula que esse lugar privilegiado é somente uma ilusão, pautado em um desejo de dominação da natureza. Nesse sentido, é preciso considerar essa ilusão enquanto um efeito causado por forças dominantes, a *razão* nada mais é do que forças que no curso da história adquiriram dominância sobre outras forças. Contudo, essas forças podem ceder lugar a outras como, por exemplo, o caso de Mendel que, ao propor a sexualidade das plantas, não se inscrevia na razão de sua época. Mas essa racionalidade mudou no curso da história e ele pode ser considerado um cientista de destaque nas ciências biológicas (Foucault, 1996). Nietzsche propõe, então, a existência de um contínuo de forças que torna o homem uno com o mundo, o que nos permite pensar no homem enquanto um fio condutor sem que se possa delimitar ou estabelecer as suas “pontas” no espaço e na história.

É o acontecimento enunciativo que instaura as instâncias sujeitacionais (movência da posição-sujeito-um dentro de uma FDr para uma posição-sujeito-outra no interior de uma FDf) que, por sua vez, produzem o efeito de tensão entre Zaratustra e os Sacerdotes. O que desloca instâncias de poder, uma vez que o sacerdote, na FDr, é dotado de prestígio social e visões inquestionáveis, dado que é portador das palavras de Deus; e dentro da FDf, em contrapartida, ele é desacreditado e reduzido a um pregador da morte, daí acredita-se que só Zaratustra é portador do sagrado: valorização da vida e do corpo como modo de chegar ao super-homem. O super-homem, segundo Nietzsche, operará a transvaloração. Tudo o que o cristianismo estigmatizara como o orgulho, o egoísmo, a riqueza, a vontade de poder, a sensualidade e a nobreza de espírito, por exemplo, deverão ser

⁷ Nos dizeres do próprio DESCARTES, “eu sou, precisamente falando, somente uma coisa que pensa, ou seja, um espírito, um entendimento ou uma razão” (Tradução do original, cf. DESCARTES, 1992, p. 77).

consideradas forças constitutivas e constituintes dos sujeitos, devendo ser, por conseguinte, afirmadas na história. A resignação, a docilidade e o servilismo, por sua vez, devem ser sucedidos pela ação, pela inconformidade e pelo domínio. Assim, a lamúria do resignado, poderá ceder lugar ao grito do forte.

2) Percepção conjuntiva I

| Elemento | Potencialidades | Enfoque Discursivo |
|--|---|---|
| <p>PROJEÇÃO DO OBJETIVO:</p> <ul style="list-style-type: none"> Examinar a influência das instâncias subjetivas enquanto elementos denotadores de sentidos que podem revelar uma tensão na enunciação literária; <p>PROJEÇÃO DE UMA HIPÓTESE:</p> <ul style="list-style-type: none"> A instauração/ inscrição de uma posição-outra na FdF causa um deslocamento de sentido provocador do efeito de tensão. | <p>A interdiscursividade como geradora de tensão:</p> <ul style="list-style-type: none"> Instância sentidural de “sacerdote”; Instância subjetiva (movência de posições) provocadora de tensão: “sacerdote” desloca-se de uma posição em que é portador da voz de Deus para uma posição-outra na qual passa a ser pregador da morte; <p>Identificação de traços linguageiro:</p> <ul style="list-style-type: none"> excerto “A” enquanto constituição de uma FDr; excerto “B” enquanto constituição de uma FdF; | <ul style="list-style-type: none"> Evidências da interdiscursividade como causadora do efeito de tensão na enunciação; Relação estabelecida da FDr e da FdF; Instauração de posições-sujeito-outras que provocam deslocamentos de significação e contribuem para o efeito de tensão. |

Nesta tabela, procurou-se trabalhar a partir da projeção de um objetivo que consiste em examinar a instauração/relação das posições-sujeito-um dentro de uma FDr e das posições-sujeito-outras, como refração das posições-sujeito-um, em uma FdF. Consideramos relevante, nesse momento, ater-nos em duas noções que se imbricam no acontecimento discursivo nietzschiano, a saber, refração e descontinuidade. No campo da física, pode-se dizer que a refração acontece, quando um feixe de luz passa de um ambiente para outro como, por exemplo, do ar para a água. Nesse processo de transição, uma quantidade de luz é devolvida ao ar como reflexo, e outra parte sofre um deslocamento de trajetória dentro do ambiente aquoso, tomando uma direção outra que se distingue da projeção original de seu alcance. Desse modo, podemos dizer que quando Nietzsche (2008) evoca uma voz

bíblica a partir do sacerdote, sentidos de uma FDr são refletidos e refratados. Com isso queremos dizer que é possível perceber significações religiosas no dizer Nietzsche, assim é possível destacar que saberes religiosos são deslocados, a partir do acontecimento discursivo nietzschiano, para um outro lugar, ocasionando, por conseguinte, outros efeitos de sentido para “sacerdote” na história.

No que diz respeito à história, Revel (2005) chama-nos a atenção para o fato de, na teoria foucaultiana, poder-se recortar três eixos teóricos distintos, a saber: o eixo genealógico, o eixo da problematização do acontecimento e o eixo de rompimento dos limites entre história e filosofia⁸. Dada à natureza desse trabalho, consideramos relevante trazer os dizeres de Foucault (2008) sobre o acontecimento, na medida em que eles podem servir de balizas para pensar a descontinuidade. É relevante mencionar que os eixos que mencionamos são estão estanques no tempo e no espaço da teoria foucaultina, pelo contrário, eles se interpenetram e se constituem mutuamente. Nesse sentido, os dizeres de Foucault nos são caros na medida em que eles revelam percepções genealógicas, que se dão por um diálogo (in)tenso com a teoria nietzschiana. Segundo Foucault (2008),

[a] história ‘efetiva’ faz resurgir o acontecimento no que ele pode ter de único e agudo. É preciso entender por acontecimentos não uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada (FOUCAULT, 2008, p. 28).

O acontecimento evidencia a descontinuidade da história. Nessa perspectiva, o fio da história não é contínuo, ininterrupto e harmonioso, ele é, pelo contrário, descontínuo, com interrupções e fissuras que possibilitam, à história, desmembrar-se em outras direções. Esses novos direcionamentos geram outros

⁸ O primeiro eixo consiste em um diálogo com a teoria nietzschiana, no que diz respeito a uma “crítica da história concebida como contínua, linear, provida de uma origem e de um *telos*, e da crítica do discurso dos historiadores como ‘história monumental’ e supra-histórica” (REVEL, 2005, p. 58). Já o segundo eixo é remarcado por uma interpelação pelo “pensamento do acontecimento”, a partir do qual se destaca a “ideia de uma história menor feita de uma infinidade de traços silenciosos, de narrativas de vidas minúsculas, de fragmentos de existências” (*Op. Cit.*). O terceiro eixo, por sua vez, visou “problematizar o que deveria ser a relação entre a filosofia e a história (ou, mais exatamente, entre a prática filosofia e a prática histórica)” (*Op. Cit.*), essa visão busca romper com “a tradicional divergência filosofia da história/história da filosofia, e a interrogar, de maneira crítica, a evolução da historiografia francesa desde os anos de 60” (*Op. Cit.*).

campos de lutas entre forças que anseiam pela dominação. O acontecimento nietzschiano insere “sacerdote” em uma outra zona de forças. O que causa uma inversão nas relações de poder, como vimos, entre Zaratustra e sacerdote. Desse modo, pode-se dizer que, na história, rompe-se outras posições, outras formações discursivas e, por conseguinte, outras relações de poder. É relevante dizer que a instauração/inscrição de/em posições-sujeito-outras provocam deslocamento de sentido e contribuem para o efeito de tensão. Percebermos uma ressignificação de “sacerdotes”, sendo vistos como pregadores da morte – podendo, por isso, serem questionados e desacreditados – para que Zaratustra seja considerado o porta voz de uma imoralidade (que valoriza a vida e o corpo).

Conforme podemos perceber pelos excertos, são as inscrições nessas posições que causam o deslocamento de prestígio da palavra “Sacerdote”, permitindo a confrontação das personagens Zaratustra e os Sacerdotes da/na obra de Nietzsche (2008).

3) Percepção Conjuntiva II

| Elemento | Potencialidades | Enfoque Discursivo |
|---|---|---|
| <p>PROJEÇÃO DOS OBJETIVOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar as particularidades da enunciação literária; <p>PROJEÇÃO DA HIPÓTESE:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A enunciação literária conjuga vozes que sofrem ressignificação, gerando tensão entre as personagens “Zaratustra” e os “Sacerdotes” | <p>Enquadre determinante do acontecimento enunciativo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Contextualização da interpelação enunciativa; - determinação do efeito tensão oriundo das instâncias subjetudiniais; - mostrar que as instâncias enunciativas também contribuem para o efeito de tensão. | <ul style="list-style-type: none"> • Estudo da tensão a partir dos atravessamentos polifônicos do/nos acontecimentos enunciativos; • Estudo do acontecimento enunciativo como instaurador de uma simbologia filosófica. |

Nesta tabela, por fim, delinea-se a intenção de olhar para o dizer de nietzschiano inserido numa enunciação literária, procurando mostrar como a cena literária propicia a interdiscursividade. Tomando como base a hipótese de que a enunciação literária é a responsável pela conjunção das vozes bíblicas e atribuir-

lhes ressignificações. Para este trabalho, ancorados em uma perspectiva bakhtiniana (1995), tomamos a enunciação literária enquanto uma configura estética dialógico-polifônica do outro.

Na obra *Assim falava Zaratustra*, de Nietzsche (2008), pode-se dizer que há um dialogismo em 3 níveis: 1) da/na e pela relação que Zaratustra estabelece com os sujeitos-outros na obra, dentre esses sujeitos-outros podemos destacar, a águia, a serpente, o ilusionista, os sacerdotes, dentre outros, há, desse modo, uma intersubjetividade singular com o intuito de instaurar/legitimar novas relações entre saberes e poderes; 2) ao recortarmos os dizeres de um sujeito-personagem, percebemos a manifestação de várias vozes que dialogam, podendo ser, por exemplo, vozes de filósofos pré-socráticos, vozes de pensamentos socrático-platônico, vozes bíblicas, etc, que causam (efeitos de) sentido e podem repercutir, por exemplo, no primeiro nível por meio de um efeito tensivo entre as personagens; 3) nos efeitos causados no sujeito-leitor, uma vez que ele é interpelado pelos dizeres de Zaratustra a uma dada tomada de posição. Consideramos imprescindível destacar que estes três níveis, não possuem margens fixas, pelo contrário, eles se põem, se justapõem, se contrapõem e se compõem no acontecimento enunciativo, chamado também de leitura.

O termo “polifonia” é usado para designar as várias vozes que se cruzam em um dado dizer, vozes essas que se revelam como um “outro” constitutivo, constituído e constituinte ao/dos dizeres, uma vez que “através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros” (Bakhtin, 1995, p. 113). Daí podermos afirmar que é a linguagem que lança uma ponte entre Zaratustra e os outros sujeitos na obra, por conseguinte, é pela palavra que Zaratustra se diz e é dito pelos outros sujeitos. Desse modo, pelas relações dialógicas, os dizeres do “outro” e do “eu” se imbricam para a constituição imaginária de um sujeito.

Percebemos que, nos dizeres de Zaratustra, revelam-se as interpelações enunciativas nietzschianas, que é estabelecer uma ruptura com o pensamento religioso vigente em sua época. Pode-se dizer, por conseguinte, que Zaratustra não só foi o porta voz da teoria nietzschiana, como também se inscreveu em uma posição de luta contra as posições judaico-cristãs.

Considerações finais

Nesse estudo, vimos que o acontecimento enunciativo zaratustriano é instaurador de uma simbologia filosófica, que destoa do que é pregado na moral judaico-cristã, na medida em que as posições nas quais Zaratustra se inscreve o permite colocar em descrédito os sacerdotes. Essa ação se legitima em uma ressignificação de “sacerdote” que, em uma FDF, não é mais visto como um portador do sagrado ou de uma palavra divina, mas sim enquanto um sujeito que anseia por dominação e que ainda se inscreve na posição de dominado.

Para verificar a potencialidade do recorte analisado, decidimos construir três tabelas a partir das quais emergiram sentidos singulares: (i) o acontecimento discursivo nietzschiano refrata a significação de “sacerdote”; (ii) a ressignificação de sacerdote é o que abre a possibilidade de uma posição antagônica na qual Zaratustra se inscreve; (iii) inserção da obra nietzschiana e uma estética literária, na qual destacamos uma organização singular de emergência do outro do dizer de Zaratustra.

Gostaríamos de encaminhar esse estudo dizendo que, pela potencialização discursiva dos elementos de nosso *corpus*, tomado para análise, pudemos evidenciar que o dizer de Zaratustra é impregnado de vozes bíblicas ressignificadas, sendo a “Bíblia” o outro constitutivo de “Assim Falava Zaratustra”. Desse modo, no dizer nietzschiano emerge *já-ditos* sobre uma configuração estético-literária *jamais-dita* o que corrobora com a singularidade da *démarche* filosófica de Nietzsche no século XIX.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras Incertas – As não-coincidências do dizer**. Campinas:Ed. da UNICAMP. 1998.

A Bíblia Sagrada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

DESCARTES, R. Meditation seconde. In: **Méditations Métaphisiques**. Paris: Flammarion, 1992, p. 70-91.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Trad. Bras. 3ed. São Paulo: Edições Loyola,

1996.

_____. **Arqueologia do saber**. Trad. Bras. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na análise do Discurso: Diálogos e Duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004.

MAIGUENEAU, D. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1997.

NIETZSCHE, F. W. **Assim Falava Zaratustra**. Escala: São Paulo, 2005.

_____. **Ecce Hommo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PÊCHEUX, M & FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET, F & HAK, T. (orgs) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, Michel. “Remontons de Foucault à Spinoza”. In: MALDIDIER, D. **L’inquietude du discours**. Paris: Cendres, 1990, p.245-259.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1995.

POSSENTI, S. Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, F. BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à Linguística: Fundamentos Epistemológicos**. v. 3. São Paulo: Cortez, 2011. p. 353-392.

REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

SANTOS, J. B. C. **Potencialização Discursiva da Materialidade**. Uberlândia: Laboratório de Estudos Polifônicos/ Grupo de Estudos em Análise do Discurso/ Instituto de Letras e Linguística/ Universidade Federal de Uberlândia. 2007. mimeo.

_____. “Instância Enunciativa Sujeituda”. In: **Sujeito e Subjetividade: discursividades contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 83-102.

VATTIMO, G. **Introdução a Nietzsche**. Lisboa: Presença, 1990.